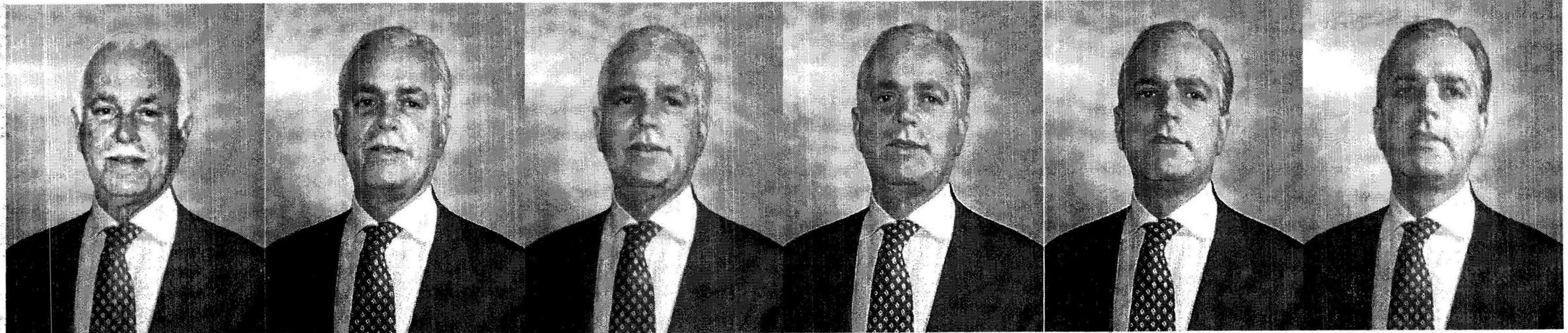


ELIO GASPARI



A estrela da felicidade de ACM

Uma tragédia — a morte de Luís Eduardo Magalhães — pode produzir uma das alianças mais surpreendentes e eficazes da política: FFHH e ACM.

Até a semana passada, duas barreiras os separavam. Uma era a tenacidade com que ACM conduzia o projeto que deveria desembocar incondicionalmente no dia em que veria o filho que amava, e que o enternecia naquilo que tinham de diferentes, subindo a rampa do palácio do Planalto. FFHH poderia até vir a ser parte desse desfecho, mas nessa caminhada ACM não tinha espaço para condicionais.

A outra era o temperamento. Nenhum dos dois faz o gênero do outro, mas, por caminhos diversos, ambos têm uma relação especial com os inimigos. FFHH frita os seus em fornos de microondas, ACM em piras monumentais. Ambos fazem de conta que eles não existem. Não mencionam seus nomes e, se eles caem acidentalmente numa conversa, mudam de assunto. Diferem, e muito, na relação com os amigos. Talvez FFHH possa pensar que é amigo de mais gente que ACM, mas, sem dúvida alguma, ACM tem mais amigos que FFHH.

As diferenças de fundo, que por décadas os separaram, simplesmente deixaram de existir. Hoje não há questão essencial que os afaste. Mesmo quando divergem, adotam posições intercambiáveis. ACM poderia ter feito um pacote que tungasse o Imposto de Renda da classe média e FFHH, como presidente do Senado, poderia rebarbá-lo. Aconteceu o contrário. (ACM demitiria em 48 horas o sábio que fez a trapalhada do pacote 51. FFHH colocou-o naquela caixa da

cozinha onde os alimentos ficam girando e saem quentes. Dá quase no mesmo.)

Luís Eduardo morreu deixando com o pai o pleno conhecimento da amizade que tinha pelo presidente. A essa altura, na profundidade da dor, e no mecanismo de lealdades sangüíneas que alimenta a existência do senador, FFHH é o amigo que ficou do filho que partiu. Na sua alma, isso vale dez vezes mais do que qualquer proximidade ou distanciamento saídos do jogo político.

A aproximação dos dois depende apenas da química das emoções. Não é pouca coisa, mas é só isso. Há duas semanas, um ACM poderoso significava o fortalecimento de um projeto político autônomo (a presidência de Luís Eduardo), com o qual FFHH não podia se comprometer. Agora, ACM é um político poderoso, elege na Bahia o governador que quiser e tem mais a dar do que a receber. Tudo o que FFHH pode, ele não precisa. E tudo o que ele precisa — a reconstrução de um mundo quase idílico repentinamente perdido — nem FFHH lhe pode dar.

As lágrimas de ACM, expressão do tamanho do sofrimento que levará pela vida, durarão muito tempo, mas ele aprendeu a conviver com a dor. Coube-lhe uma quantidade despropositada, injusta, mas sempre voltou a se levantar e voltará a fazê-lo. Desta vez, numa situação surpreendente, tão implausível quanto a tragédia: o pai de Luís Eduardo irá em frente, olhando para as estrelas, como herdeiro do filho. Nessas horas recuperará os momentos de uma felicidade que julga perdida.